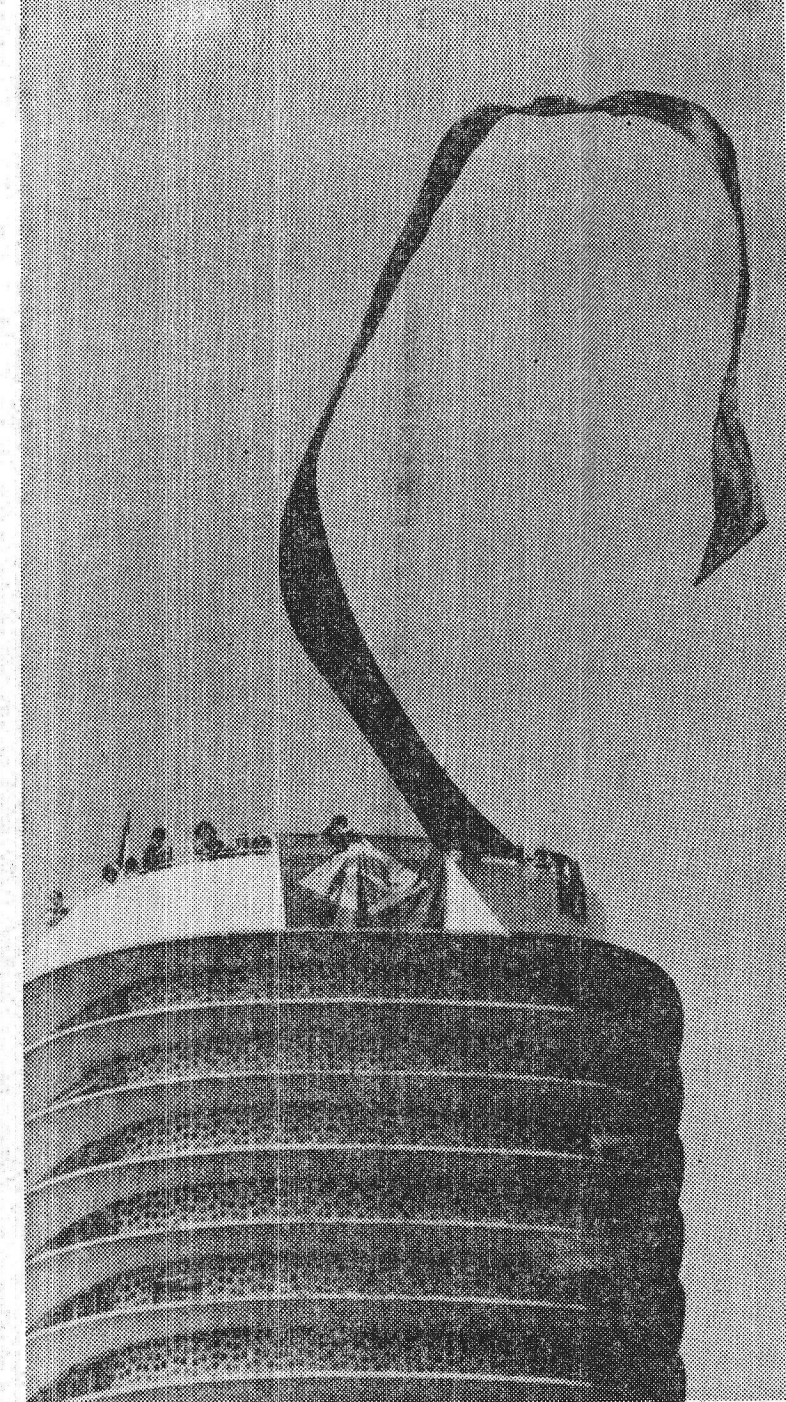


Belo Horizonte/MG — Foto de Vidal da Trindade

Belo Horizonte — Foto de Custódio Coimbra



No topo dos edifícios, o sinuoso emblema do luto

Proibido de usar de violência, o soldado faz retornar um invasor com a ajuda de populares

# Mineiros gritam que Tancredo é Presidente

“Tancredo ainda é o Presidente do Brasil”, gritaram as ruas de Belo Horizonte. Uma multidão de 1 milhão 500 mil pessoas, desde o início da tarde, estava de olhos fixos no céu, à espera do avião que traria de Brasília o corpo de Tancredo Neves. O sino da igreja de São

José anunciou que o caixão acabara de entrar na Avenida Afonso Pena, o coração da cidade. Dos edifícios, caiu uma chuva de papel picado, que se misturou às bandeiras brasileiras com tarjas negras agitadas nas calçadas. Conduzido sobre um caminhão do Corpo de

Bombeiros, o caixão fez em 46 minutos o percurso de 11 quilômetros, entre o aeroporto da Pampulha e o Palácio da Liberdade. A passagem rápida do cortejo provocou protestos: “Vai devagar, para o povo acompanhar”. Frustrado, o povo acorreu à Praça Sete,

onde deparou com um cordão de soldados da PM. Com suas faixas e bandeiras, a multidão rompeu a barreira e chegou às grades do palácio, exigindo que os portões fossem abertos. A partir daí, formou-se o tumulto, que resultou em quatro mortes e 271 feridos.

Belo Horizonte/MG — Foto de Delfim Vieira

Belo Horizonte/MG — Foto de Custódio Coimbra



As forças policiais encarregadas do cordão de isolamento foram impotentes diante da multidão

Soldados da PM usaram capacetes para molhar a cabeça das pessoas que desmaiavam



Os primeiros socorros foram prestados logo aos feridos pelos policiais

Os jardins do palácio ficaram parecendo um campo de frente de batalha